



NÚMERO 23 OCTUBRE 2016  
BUENOS AIRES  
ISSN 1669-9092

---

## HENRI BERGSON E A BUSCA DE UM ELO ENTRE FILOSOFIA, PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE.

**Catarina Rochamonte<sup>1</sup>**  
Universidad Federal de San Carlos  
Brasil

### Resumo:

Henri Bergson apresenta-nos duas correntes da filosofia moderna: aquela ligada ao racionalismo cartesiano, que foi a corrente preponderante e outra ligada ao *esprit de finesse* de Pascal, da qual o próprio Bergson estaria mais próximo. Da corrente racionalista cartesiana adviria, segundo Bergson, a hipótese metafísica do paralelismo psicofisiológico, hipótese essa que teria sido herdada pela

---

1 Catarina Rochamonte é graduada em filosofia pela UECE (Universidade Estadual do Ceará), mestre em filosofia pela UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e doutora em Filosofia pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Realizou na graduação e mestrado pesquisa sobre Arthur Schopenhauer, vindo posteriormente a se interessar pelo filosofia de Henri Bergson e pelo fenômeno místico, que se tornaram objeto de estudo de sua tese. Tem interesse no estudo das relações entre filosofia e espiritualidade, motivo pelo qual se aproximou do pensamento de Pierre Hadot e da Filosofia Antiga. Interessa-se pelo tema da subjetividade, em uma perspectiva mais psicológica do que cognitiva e pelo tema do corpo e de suas potencialidades. Atualmente é professora substituta na Universidade Estadual do Ceará.

ciência do século XIX sem ter sido ao menos problematizada. Bergson insere-se de um modo bastante *sui generis* na história da psicologia. Ao propor hipóteses da relação mente-cérebro contrárias à hipótese paralelista, o filósofo francês quebra o paradigma associacionista da psicologia científica, não reduz o indivíduo ao determinismo do inconsciente como o faria a psicanálise e ainda lança luzes sobre fenômenos relegados tanto pela filosofia quanto pela psicologia - os fenômenos hoje chamados paranormais, os quais, segundo nossa interpretação, poderiam encontrar no pensamento do referido filósofo um esboço de fundamentação.

Palavras-chave: Bergson – psicologia – cérebro – memória – alma – espírito

**Abstract:**

Henri Bergson shows us two currents of modern philosophy: that linked to Cartesian rationalism, which was the preponderant current, and another connected to the Pascal's esprit de finesse, of which Bergson himself would be closer. From the rationalist Cartesian current would arise, according to Bergson, the metaphysical hypothesis of psychophysiological parallelism, hypothesis which would have been inherited by the nineteenth-century science without being at least problematized. Bergson is part of a very *sui generis* way in the history of psychology. In proposing hypotheses of the mind-brain relationship contrary to paralelista hypothesis, the French philosopher breaks the associationistic paradigm of scientific psychology without, however, reduce the individual to the determinism of the unconscious. Bergson also sheds light on phenomena relegated both by the philosophy and the psychology - the phenomena called paranormal today, which, according to our interpretation, might find in the thought of that one philosopher reasons outline.

Keywords: Bergson - psychology - brain - memory - soul - spirit

*“De onde viemos? Que estamos fazendo aqui no mundo? Para onde vamos? Se realmente a filosofia nada tivesse para responder a essas questões de interesse*

*vital ou fosse incapaz de elucidá-las progressivamente , como se elucida um problema de biologia ou de história, se não pudesse aplicar nelas uma experiência cada vez mais profunda, uma visão cada vez mais aguçada da realidade, se tivesse de limitar-se a pôr em confronto indefinidamente os que afirmam e os que negam a imortalidade por razões extraídas da essência hipotética da alma ou do corpo, quase seria o caso de dizer, mudando o sentido das palavras de Pascal, que toda a filosofia não vale uma hora de trabalho” (BERGSON<sup>2</sup>)*

Em um texto de 1915, intitulado *La philosophie française*, Bergson aponta uma corrente que atravessa a filosofia moderna ao lado da tendência racionalista preponderante, representada por Descartes. Essa corrente encoberta que poderia, segundo Bergson, ser chamada de sentimental - no sentido de apontar para um “conhecimento imediato e intuitivo<sup>3</sup>” - derivaria de Pascal e de seu *esprit de finesse*:

Pascal introduziu em filosofia uma certa maneira de pensar que não é a pura razão – porque ela corrige pelo *esprit de finess* aquilo que o raciocínio tem de geométrico – e que não é também contemplação mística, porque ela chega a resultados susceptíveis de serem controlados e verificados por todo mundo. Descobrir-se-ia, reestabelecendo elos intermediários da cadeia, que se conectam a Pascal as doutrinas modernas que põem na linha de frente o conhecimento imediato, a intuição, a vida interior<sup>4</sup>

Tanto a corrente racionalista quanto a corrente “sentimental” da modernidade pretenderam romper com a metafísica grega, mas alguns filósofos mantiveram-se ainda presos ao espírito de sistema. Dentre estes destaca-se um de cuja obra depreende-se “toda uma psicologia e toda uma moral que conservam seu valor, mesmo que não nos liguemos à sua metafísica.<sup>5</sup>”A filosofia de Malebranche, embora sistemática, afirma Bergson, “não faz sacrifício ao espírito de sistema; ela não deforma

---

2 BERGSON. *A alma e o corpo*. In *A energia espiritual*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. SP: WMF, Martins Fontes, 2009.p. 57.

3 BERGSON. *La philosophie française*. Édition électronique réalisée par Bertrand Gibier, bénévole, professeur de philosophie en France, [bertrand.gibier@ac-lille.fr](mailto:bertrand.gibier@ac-lille.fr)

4 *Idem*. p.5

5 *Idem*. p.6

a tal ponto os elementos da realidade que não se possa utilizar o material da construção fora da construção mesma.<sup>6</sup>”Aos elementos psicológicos depreendidos da filosofia de Malebranche veem se acrescentar, no século XVIII as reflexões em torno da relação entre espírito e matéria por intermédio de nomes como La Mettrie, Cabanis, Charles Bonnet cujas pesquisas “estão na origem da psico-fisiologia que se desenvolveu durante o século XIX.<sup>7</sup> As referidas abordagens – de viés notadamente materialista – antecipam, por sua vez, o estabelecimento da psicologia como ciência:

A psicologia ela mesma, entendida como uma ideologia, quer dizer, como uma reconstrução do espírito com elementos simples – a psicologia tal como a compreendeu a escola associacionista do último século – saiu em parte de obras francesas do século XVIII, notadamente aquelas de Condillac<sup>8</sup>

Paralelamente ao método de observação interior e observação dos fenômenos normais, a psicologia irá se desenvolver a partir da observação clínica dos fenômenos mórbidos e patológicos. Esse tipo de psicologia, que fora preparada pelos alienistas franceses da primeira metade do século XIX e mais tarde representada também na França por nomes como Charcot, Ribot, Pierre Janet, Georges Dumas, etc, acabou conduzindo à descoberta de regiões insuspeitadas do espírito,<sup>9</sup>cujo estudo se desdobrará na Alemanha com Freud e o advento da psicanálise.

Ora, Bergson se insere de um modo particular nesse movimento, notadamente por meio de suas primeiras obras. Analisando o arsenal psicológico de seu tempo, revisando quase toda a literatura contemporânea a esse respeito, Bergson respondera à teoria em voga do associacionismo com a tese explicitamente espiritualista desenvolvida no *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Posteriormente, considerou também os estudos alemães, ainda em desenvolvimento, chegando a conclusões distintas daquelas a que chegariam os discípulos de Freud. As teses apresentadas em *Matéria e Memória* distinguem-se, pois, tanto da psicologia científica

---

6 *Idem.* p.6

7 *Idem.* p.8

8 BERGSON. *La philosophie française.* p.8

9 *idem* p.11

– que se limita aos estados superficiais da vida psíquica – quanto da corrente que desenbocará na psicanálise a qual, embora aprofunde o horizonte psíquico do indivíduo, subtrai dele a parcela de liberdade que Bergson já estabelecera como característica própria da vida interior no seu *Ensaio*.

Voltemos agora para aquela linha mestra da filosofia moderna, para a tendência racionalista predominante que citamos no início desse artigo, a metafísica cartesiana. É a ela que Bergson irá remeter a hipótese que refutará em diversos textos, a hipótese do paralelismo psicofisiológico. Da metafísica moderna de viés cartesiano depreende-se a ideia de equivalência entre o estado cerebral e o estado psíquico. Essa hipótese não chegou sequer a ser problematizada na modernidade, tendo sido acolhida pelos médicos do século XVIII para ser, em seguida, herdada pela psicofisiologia da época de Bergson: enquanto na metafísica cartesiana ainda havia espaço para a vontade livre - a despeito da estrutura de equivalência entre o psíquico e o físico - em Espinosa e em Leibniz a liberdade desaparecera “varrida pela lógica do sistema<sup>10</sup>”, deixando assim o caminho aberto para “um cartesianismo diminuído, estreito, segundo o qual a vida mental seria apenas um aspecto da vida cerebral, com a pretensa alma reduzindo-se a certos fenômenos cerebrais aos quais a consciência se somaria como um clarão fosforescente.<sup>11</sup>” Essa hipótese se estreitara e se infiltrara na fisiologia e foi assim que “filósofos como La mettrie, Helvétius, Charles Bonnet, Cabanis, cujos vínculos com o cartesianismo são bem conhecidos, levaram para a ciência do século XIX o que ela melhor podia utilizar da metafísica do século XVII.<sup>12</sup>” O esforço de Bergson vai, pois, no sentido de fazer notar que o paralelismo psicofisiológico não é uma teoria científica – embora se apresente sob essa roupagem – mas sim uma hipótese metafísica:

É compreensível que cientistas que hoje filosofam sobre a relação entre o psíquico e o físico se aliem à hipótese do paralelismo: os metafísicos praticamente não lhe deram outra coisa. Admito ainda que cheguem a preferir

---

10 BERGSON. *A alma e o corpo*. In *A energia espiritual*. p. 40

11 *Idem*. p. 40

12 BERGSON. *A alma e o corpo*. In *A energia espiritual*. p. 40

a doutrina paralelista a todas as que poderiam ser obtidas pelo mesmo método de construção *a priori*: encontram nessa filosofia um incentivo para irem em frente. Mas que um ou outro deles venha dizer-nos que isso é ciência, que a experiência é que nos revela um paralelismo rigoroso e completo entre a vida cerebral e a vida mental, ah, não! Vamos interrompê-lo e responder-lhe: você, cientista, sem dúvida pode defender sua tese, como o metafísico a defende; mas então quem fala já não é o cientista que existe em você, é o metafísico. Você está simplesmente nos devolvendo o que lhe emprestamos. Já conhecemos a doutrina que está nos trazendo: saiu de nossas oficinas; fomos nós, filósofos, que a fabricamos; e é mercadoria velha, velhíssima. Nem por isso vale menos, com toda certeza; mas nem por isso é melhor. Ofereça-a tal como é, e não vá fazer passar por um resultado da ciência, por uma teoria modelada pelos fatos e capaz de modelar-se por eles, uma doutrina que, antes mesmo da eclosão de nossa fisiologia e de nossa psicologia, pôde assumir a forma perfeita e definitiva pela qual se reconhece uma construção metafísica<sup>13</sup>.

Não é, porém, apenas os cientistas materialistas que Bergson critica. Também a metafísica espiritualista é acusada por ter negligenciado os fatos, por ter se mantido no plano das ideias, sem tocar o solo da experiência. A filosofia é acusada de não nos ter dito muito sobre a relação entre corpo e alma:

O metafísico não desce facilmente das alturas onde gosta de manter-se. Platão convida-o a voltar-se para o mundo das ideias. É lá que ele se instala de bom grado, vivendo no meio dos puros conceitos, levando-os a concessões recíprocas, conciliando bem ou mal uns com os outros, exercendo nesse meio requintado uma diplomacia erudita. Hesita em entrar em contato com os fatos, quaisquer que sejam, mais ainda com fatos como as doenças mentais: teria medo de sujar as mãos.<sup>14</sup>

Tendo sido conduzido, na conclusão do seu *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, à vida interior, à concepção de um eu profundo livre, Bergson ficara entretanto “sem resposta para a questão de saber como a pessoa livre pode utilizar, para agir, um corpo material para se desdobrar no espaço<sup>15</sup>”, questão essa que suscitou

---

13 *Idem.* p.41

14 *Idem.* p.37-38

15 BERGSON. Lettre sans date [fin janvier 1905?] à A.Levi In *dossier critique Matière et Mémoire*, PUF, p.459

uma nova série de pesquisas que resultou no *Matéria e Memória*. É, pois, o problema da relação entre corpo e alma ou o problema da inserção do espírito na matéria que Bergson aborda nessa obra, e o faz lidando com os fatos clínicos, estudando as doenças mentais, mais especificamente as afasias, dando-lhes, porém, uma explicação distinta daquela fornecida pela escola associacionista. Empreendendo um novo exame da hipótese das localizações cerebrais, reinterpretando a psicopatologia dos distúrbios da linguagem e do reconhecimento, Bergson irá refutar a hipótese do paralelismo psicológico no seu próprio terreno, ou seja, utilizando-se dos mesmos fatos clínicos que supostamente a confirmaria. Para Bergson, o exame dos fatos conhecidos, depurado de ideias preconcebidas, “um exame atento da vida do espírito e de seu acompanhamento fisiológico<sup>16</sup>”, sugerem que “há infinitamente mais numa consciência humana do que no cérebro correspondente:<sup>17</sup>”

Quem pudesse enxergar o interior de um cérebro em plena atividade, acompanhar o vaivém dos átomos e interpretar tudo o que eles fazem, sem dúvida ficaria conhecendo alguma coisa do que acontece no espírito, mas só ficaria conhecendo pouca coisa. Conheceria tão somente o que é exprimível em gestos, atitudes e movimentos do corpo, o que o estado de alma contém em vias de realização ou simplesmente nascente; o restante lhe escaparia. Com relação aos pensamentos e sentimentos que se desenrolam no interior da consciência, estaria na situação do espectador que vê distintamente tudo o que os atores fazem em cena, mas não ouve uma só palavra do que dizem. Sem dúvida o vaivém dos atores, seus gestos e atitudes têm sua razão de ser na peça que estão representando; e se conhecermos o texto podemos prever aproximadamente o gesto; mas a recíproca não é verdadeira, e o conhecimento dos gestos informa-nos pouquíssimo sobre a peça, porque numa comédia inteligente há muito mais do que os movimentos que a pontuam. Assim, creio que, se nossa ciência do mecanismo cerebral fosse perfeita e perfeita fosse também a nossa psicologia, poderíamos adivinhar o que se passa no cérebro para um estado de alma determinado; mas a operação inversa seria impossível, porque teríamos que escolher, para um mesmo estado do cérebro, entre uma infinidade de estados de alma diferentes e igualmente apropriados

A hipótese de um transbordamento da consciência em relação ao organismo é constante em Bergson e perpassa toda a sua obra, por isso mesmo ele combate reiteradamente a hipótese paralelista que torna equivalente o mental e o cerebral. Em

---

16 BERGSON. *A alma e o corpo*. In *A energia espiritual*. p.41

17 *Idem*. p.41

*O cérebro e o pensamento: uma ilusão filosófica* (texto lido originalmente no congresso de filosofia em Genebra, em 1904 e publicado na *Revue de métaphisique et de morale* com o título *le paralogisme psychophysique*) Bergson demonstra que a referida hipótese é autocontraditória e que só se sustenta recorrendo simultaneamente a duas notações excludentes entre si, a notação idealista e a notação realista. Tal demonstração, porém, baseia-se apenas no raciocínio puro e não nos fatos; visa apenas reduzir ao absurdo a hipótese do paralelismo. É preciso, porém, analisar os fatos, retornar à experiência. É nesse sentido que Bergson ocupa-se do estudo dos fatos da memória, únicos nos quais a hipótese do paralelismo teria supostamente encontrado um princípio de verificação.<sup>18</sup>

Uma vez que Broca descobrira que determinado tipo de afasia seria causada por uma lesão da terceira circunvolução frontal esquerda, começaram a ser edificadas teorias as mais complexas sobre as localizações cerebrais. Segundo as explicações materialistas, as lesões provocariam distúrbios da memória porque as lembranças estariam armazenadas no cérebro, tendo sido, pois, alteradas ou destruídas pela lesão. Bergson refuta a tese da localização cerebral da memória, mostrando que o papel do cérebro não é guardar lembranças, mas possibilitar que as lembranças sejam evocadas por meio do esboço de determinadas disposições motoras e sejam ajustadas a uma dada situação: “é essa mímica real ou virtual, efetuada ou esboçada que o mecanismo cerebral deve possibilitar e é ela, sem dúvida, que a doença afeta.”<sup>19</sup>

O cérebro, dirá Bergson, é um “órgão de atenção à vida”. Ele não guarda as lembranças, não cria representações, não é o órgão do pensamento, do sentimento ou da consciência, mas simplesmente limita essa esfera, funcionando como um obstáculo ou um véu interposto entre o virtual e o atual, entre a abundância psíquica e o mundo real. O corpo armazena a ação do passado na forma de dispositivos motores, enquanto as imagens passadas propriamente ditas conservam-se de maneira distinta. As lembranças se atualizam em um progresso contínuo; a lesão cerebral não destrói a

---

18 BERGSON. *A alma e o corpo*. In *A energia espiritual*. p49.

19 *Idem*. p. 53.



lembrança, mas interrompe essa atualização; ela não afeta a memória disposta no tempo, mas afeta os movimentos que esboçam sua ação possível no espaço.

A lembrança não é algo estático, determinado e acabado, passível de ser armazenada no cérebro à maneira de uma “gravação mecânica<sup>20</sup>” em uma “chapa sensibilizada ou no disco fonográfico.<sup>21</sup>” A lembrança é irreduzível à percepção, à representação, à localização. Como perguntar *onde* se localizam as lembranças se o tempo não se confunde com o espaço e essa distinção é um dos aspectos mais marcantes da filosofia bergsoniana?! Se insistirmos, porém, em perguntar onde as lembranças estão conservadas, então Bergson tomará “num sentido puramente metafórico a ideia de um continente onde as lembranças ficariam alojadas<sup>22</sup>” e dirá “muito simplesmente que elas estão no espírito.” Ora, se a lesão afeta o cérebro, mas não afeta a lembrança; se a lembrança está no espírito (ou é o espírito), então é no mínimo plausível que a morte do cérebro não o afete, já que a vida do espírito não é um efeito da vida do corpo.<sup>23</sup>

Eis que chegamos àquela questão tão urgente quanto negligenciada pela filosofia. Eis Bergson diante “do mais importante dos problemas que a humanidade pode propor a si mesma<sup>24</sup>”: o problema da imortalidade da alma. Agora não parece óbvia a sua conclusão? Toda a filosofia de Bergson não foi um tributo à experiência total, um apelo ao conhecimento do espírito, um desafio lançado às reduções materialistas? Apenas o rigor filosófico o impede de afirmar categoricamente aquilo que talvez já fosse uma sua convicção pessoal. É, pois, como filósofo que Bergson concluirá, na conferência *A alma e o corpo*, algo acerca desse problema, o qual não lhe parece nada insolúvel:

---

20 *Idem* . p.51.

21 *Idem* . p.51.

22 BERGSON. *A alma e o corpo*. In *A energia espiritual*.. p.55.

23 *Idem*. p. 57.

24 *Idem* . p.57.

Se o trabalho do cérebro correspondesse à totalidade da consciência, se houvesse equivalência entre o cerebral e o mental, a consciência poderia seguir o destino do cérebro e a morte ser o fim de tudo: pelo menos a experiência não diria o contrário, e o filósofo que afirmasse a sobrevivência ficaria reduzido a apoiar sua tese em alguma construção metafísica, geralmente frágil. Mas, se, como procuramos demonstrar, a vida mental transborda a vida cerebral, se o cérebro se limita a traduzir em movimentos uma pequena parte do que se passa na consciência, então a sobrevivência se torna tão verossímil que o ônus da prova caberá a quem negar muito mais do que a quem afirmar; pois a única razão para acreditar numa extinção da consciência após a morte é que vemos o corpo desorganizar-se, e essa razão deixa de valer se também a independência da quase totalidade da consciência em relação ao corpo é um fato constatável<sup>25</sup>.

A hipótese da não equivalência entre o mental e o cerebral, o modo abrangente e *sui generi* de Bergson compreender e definir a consciência, o seu método - que dá sempre lugar à experiência - aponta para um âmbito de pesquisa muito particular. Se, para Bergson, a consciência transborda do cérebro e as divisões entre os corpos no espaço são mais nítidas que as divisões entre as consciências individuais, determinados fenômenos paranormais, por exemplo a telepatia, parecem encontrar um princípio de fundamentação na sua filosofia.

De fato, Bergson nutriu um forte interesse pelo estudo desse tipo de fenômeno, tendo inclusive presidido durante um ano (1913-1914) a *Society for Psychical Research* (*Sociedade de pesquisa psíquica*) de Londres<sup>26</sup>. Sua presidência foi iniciada pela

---

25 *Idem* p.58.

26 O período de formação da *Sociedade de Pesquisa Psíquica* foi uma época de intensa efervescência intelectual na qual as ciências naturais fizeram grandes avanços para explicar o mundo em termos que desafiaram os tradicionais pontos de vista religiosos. A década de 1850 foi marcada por uma explosão de fatos paranormais (aparições, clarividência, premonições, etc) e pelo conseqüente interesse por eles. Constituiu-se as bases do espiritismo e intensos debates entre cientistas. A *Sociedade de Pesquisa Psíquica* foi fundada em Londres em 20 de fevereiro 1882 com o objetivo explícito de investigar os inúmeros fenômenos designados por termos como hipnótico, psíquico e espíritas e o fazer no mesmo espírito de investigação exacta e desapaixonada que permitiu à ciência resolver outros tipos de problemas. Foi imbuída desse espírito científico, baseando-se em métodos experimentais disciplinados e métodos padronizados de descrição que a *Sociedade de Pesquisa Psíquica* criou seu quadro metodológico e administrativo para investigar tais fenômenos, incluindo a fundação de uma revista acadêmica para relatar e discutir a pesquisa psíquica em todo o mundo.

conferência que depois se transformou em artigo intitulado *Fantôme de vivants et Recherches psychiques (Fantasma de vivos e pesquisas psíquicas)*, na qual aborda o fenômeno da telepatia. Nessa conferência, Bergson se diz orgulhoso por ter sido eleito presidente dessa sociedade, confessa sua “ardente curiosidade” em relação aos trabalhos ali desenvolvidos e elogia a coragem com que seus membros levaram adiante suas pesquisas em meio a prevenções e zombarias de pseudocientistas que condenavam, em nome da ciência, as pesquisas desenvolvidas naquele contexto:

De fato, o que os senhores despenderam de engenhosidade, discernimento, paciência, tenacidade na exploração da *terra incognita* dos fenômenos sempre me pareceu admirável. Porém, mais do que essa engenhosidade e mais que esse discernimento, mais que sua infatigável perseverança, admiro a coragem de que precisaram, sobretudo nos primeiros anos, para lutar contra as prevenções de boa parte do público e para enfrentar a zombaria que que assusta os mais valentes<sup>27</sup>

Para Bergson, dois motivos contribuem para esse tipo de postura entre os cientistas: uma repulsa em relação ao método e uma metafísica inconsciente de si mesma. Já nos referimos a essa metafísica inconsciente herdada pelos cientistas, trata-se da própria hipótese do paralelismo psicofisiológico. Quanto ao método, é de se notar que os procedimentos de pesquisa e verificação adotados no estudo dos fenômenos psíquicos estão “a meia distância entre o método do historiador e o do juiz de instrução<sup>28</sup>”, embora se trate de fenômenos “do mesmo gênero daqueles que são o objeto da ciência natural.<sup>29</sup>” São do mesmo gênero porque “manifestam leis.<sup>30</sup>” A telepatia, por exemplo, “se for real, ela é natural” e “manifesta sem dúvida uma lei análoga às leis físicas, químicas e biológicas.<sup>31</sup>”

---

27 BERGSON. “*Fantasmas de vivos*” e “*pesquisa psíquica*” IN *A energia espiritual* p.62.

28 *Idem* p. 65.

29 *Idem* p. 63.

30 *Idem* p. 64.

31 *Idem* p. 64.

Apesar de naturais (no sentido de estarem submetidas a leis – embora ainda desconhecidas), os fenômenos desse tipo não se deixam abordar “à maneira do fato físico, químico ou biológico.<sup>32</sup>” Na sua peculiaridade investigativa, os pesquisadores dos fenômenos psíquicos observam os fatos sem prevenções dogmáticas, estudam documentos, questionam testemunhas, confrontam-nas umas com as outras, informam-se sobre elas, colhem numerosos fatos, analisam, inspecionam, criticam e, com isso, obtêm um tipo de certeza que não é matemática nem física, assemelhando-se mais à “certeza que se obtêm em matéria histórica ou jurídica.”

O desenvolvimento do método experimental na modernidade não se deu, segundo Bergson, por meio de um alargamento do campo de experiência, mas por meio de uma redução desse campo àquilo que poderia ser mensurável. Como, porém, “é da essência do espírito não prestar-se a medidas<sup>33</sup>” a ciência moderna tentou reduzir os fenômenos do espírito ou da mente aos seus supostos equivalentes mensuráveis encontrados supostamente no cérebro, passando a afastar-se quase instintivamente dos casos que contradiziam a hipótese da equivalência entre o psíquico e o cerebral, casos esses que eram justamente aqueles estudados pela *Sociedade de Pesquisas Psíquicas*.

É indiscutível o interesse de Bergson por esse tipo de fenômeno. Além de ter presidido a *Society for Psychical Research*, o filósofo fora convidado entre os anos de 1905-1906 pelo *Institut Général de Psychologie* (junto com outros nomes de peso com Pierre e Marie Curie) para examinar o caso da famosa médium Eusábia Paladino.<sup>34</sup> Ainda mais cedo, no ano de 1886, Bergson escrevera o artigo *De la simulation inconsciente dans l'état d'hypnotisme* no qual relata as conclusões tiradas de experiências nas quais ele mesmo submetera indivíduos a estados de hipnose, deparando-se com capacidades surpreendentes do espírito como a hiperestesia e

---

32 BERGSON. “Fantasmas de vivos” e “pesquisa psíquica” IN *A energia espiritual* p.65.

33 *Idem* p.71

34 Cf *Melanges* p.673-674.

hipermnésia. Mas talvez o fato que mais deponha a favor do interesse de Bergson pelas “pesquisas psíquicas” é a referência explícita de Bergson nas últimas páginas da sua última obra, *As duas fontes da moral e da religião*: na falta do “aparecimento de uma grande alma privilegiada” ou de “um gênio místico<sup>35</sup>”, o desenvolvimento dessa ciência do espírito funcionaria como uma influência positiva capaz de “desviar a nossa atenção das bagatelas que nos divertem e das miragens em torno das quais nos batemos.<sup>36</sup>”

A admissão de uma relação entre corpo e alma distinta da hipótese do paralelismo e que aponta para o caráter mais abrangente da consciência (hipótese essa que perpassa toda a filosofia bergsoniana) tornaria alguns fenômenos paranormais “tão verossímeis que nos surpreenderíamos, sobretudo com o tempo que foi necessário esperar antes de o seu estudo começar a ser empreendido.<sup>37</sup>” Tais fenômenos como telepatia, mediunidade, clarividência, hiperestesia, hipermnésia, premonições, sonhos lúcidos, etc assentam-se todos na hipótese de uma superabundância da vida psíquica e poderiam encontrar um esboço de fundamentação filosófica em uma obra como a de Henri Bergson, cujo espiritualismo não é mera abstração filosófica, mas consequência de um esforço contínuo de apreensão metódica, intuitiva e apaixonada pelos fatos e pela sua interpretação legítima, desapegada de dogmas e de preconceitos culturais. O olhar voltado para o concreto é uma marca da filosofia bergsoniana. Se esse concreto apresentou-se como algo muito mais espiritual do que se podia supor, isso não se deve a uma inclinação tendenciosa, mas à força da verdade que, quando chega, se impõe.

---

35 BERGSON. *Les deux sources de la morale et de la religion*. 10<sup>a</sup> ed. Paris: Quadrige/PUF, 2008 p.333.

36 *Idem* . p.333.

37 *Idem* . p.337.